

amor da realidade

A PROPOSITO DUM LIVRO

UMA das notas características das épocas que se encontram em alvorecer, é o amor da realidade. Amor que se acrescenta passo a passo e que se espalha por todos os aspectos da vida.

Os novos corações não amam apenas outros novos corações. Amam toda a prática da condição de viver.

Tal amor do real não pode deter-se simplesmente por este ou aquêllo aspecto estar por enquanto mal. Implica até uma intervenção pronta nas feridas para as curar.

Que fazer, como disse o Sr. Doutor Serras e Silva, no seu livro «Educação Nacional», se «fica teórico o ensino, que devia ser essencialmente prático?»

Há realidades nesta obra que merecem o maior carinho, embora se discorde da sua orientação.

Com 33 anos de regência na Faculdade de Medicina e 12 na Faculdade de Letras, Serras e Silva traça esquemas gerais dentro do tradicional amor a certas formas: apêgo a uma Inglaterra de pseudo-objectividade; convencimento de que a educação é capaz de produzir «os homens e o país»; adesão a uma «interiorização qualitativa» que procura fugir da «excessiva memorização mas que vai cair numa prática limitada de formação falsamente qualitativa e separada do ambiente real humano.

Um depoimento como o do Dr. Serras e Silva é todavia necessário para as novas gerações de pedagogos quando já bem elucidadas. Porque os relatórios, mesmo impressos em cheios dos prejuízos vulgares, não deixarão de servir de instrumentos para as realidades fecundas da vida nacional.

E há frases suas, a que podemos ligar significados justos. Por exemplo: «mostrou-se que mal se pode compreender a história sem as luzes da sociologia experimental (não da nebulosa sociologia filosófica)».

Não deve no entanto exagerar-se. Isto pode mostrar como é sintomático que uma pessoa como o Sr. Dr. Serras e Silva já se veja impellido a fazer tal afirmação.

E' também a nova época que lhe inspira a previsão acerca do prazer do trabalho na escola do futuro, que lhe mostra, que devemos «sair da rotina, do que deforma, estere-

diterrâneo» (o júri tem um fraco pela farda).

Como se vê, os filmes premiados deixam um pouco a desejar. E' bom esclarecer que o júri é composto por oitenta (!!!) membros de autoridade duvidosa. Embora em crise, não pode fazer-se idéa do panorama cinematográfico francês pelo fraquíssimo conjunto dos filmes laureados.

Assim o compreendeu um grupo de 24 críticos—«Jovem Crítica Independente»—que em 1936 estatuiu o prémio *Louis Delluc*, como protesto e réplica às limitações do *Grand Prix*, limitações que iam evidentemente contra os interesses do cinema francês (os filmes premiados em 1934 e 35 não o poderiam ser pela actual legislação).

Em 1936 o prémio *Louis Delluc* foi atribuído a «Les Bas-Fonds», de Jean Renoir, com alguns votos para «*Jenny*», de Marcel Carné, e para «*Crime de M. Lange*», também de Renoir;—em 1937 (ano pobre em

bons filmes) foi premiado «*Le Puritain*»;—em 1938 foram seleccionados os seguintes filmes: «*Os desaparecidos de Saint-Agil*», «*Quai des Brumes*», «*La Femme de Boulangers*», «*Citème*» (*Entrée des Artistes*), «*A Fera Humana*», «*Hotel du Nord*» e «*Conflito*», sendo premiado «*Quai de Brumes*», de Marcel Carné.

Estes filmes, embora ainda de desigual valor, representam já o que de melhor se faz em França. Ora a maior parte dêles não foi ainda exibida entre nós. Também outros filmes excelentes de Jean Renoir (realizador da «*Grande Illusão*»), como «*La Règle du Jeu*» e «*La Marseillaise*», não foram igualmente exibidos.

Em vez de banalidades como «*A Lei Sagrada*» de G. W. Pabst (onde está o Pabst de «*A Tragédia da Mina*»?) lucraríamos muito mais em ver o que de melhor há na limitada produção francesa.

MANUEL DE AZEVEDO

liza e enfastia». E' ela ainda que lhe pede que as salas escolares «abram janelas sobre a vida».

Outras conclusões, embora sabidas, mas não utilizadas, se destacam no testemunho do Autor: «o mestre deve abster-se de toda a brutalidade com as crianças»; «professor que tiver de recorrer frequentemente aos meios violentos, às coacções, para conseguir a disciplina e o trabalho dos alunos, não está à altura do cargo». «A história de Portugal, para as crianças até aos 10 anos, é uma lenga-lenga que se decora e se não entende». «Os filhos do povo vivem ao abandono até que entram na escola primária». «Muitos que aprenderam em pequenos, aos 30 anos não sabem quasi nada. São os analfabetos por desuso. As populações rurais e os operários das cidades vivem pobremente, sem margem para comprar livros».

Quanto ao valor da nossa escola, Serras e Silva parte da afirmação principal da escola de La Play: «quem dirige o trabalho dirige o resto». Ora que parte toma ela na direcção do trabalho agrícola ou industrial?

Só largos e sérios inquéritos poderiam dizê-lo. E espanta verificar «a falta de inquéritos, de documentos, de indicações precisas que nos digam, com algum rigor, o que tem feito a escola».

«Quem tiver passado, nas nossas aldeias, algumas temporadas, não pode fugir à impressão de esterilidade relativa que é a obra da escola. O saber ler não tem emprêgo, não contribue para melhorar o rendimento do trabalho, não eleva o nível moral, não faz sentir algumas vantagens, senão num pequeno número de pessoas, e ainda nestas, as vantagens são de pouca monta. Onde aparece um pouco de comércio e de indústria, o caso muda logo de figura, mas o número de pessoas ocupadas nestes emprêgos, é muito restrito.»

Por outras palavras: que fez ela para que se eleve o nível da vida? Há poucas e são insuficientes, é a conclusão. Mas as que já existem—e são cada vez mais—representam um nítido progresso.

Afirma ainda o Autor, que «o mestre-escola deve martelar, todos os dias, as noções fundamentais sobre a dignidade» e espera daí uma boa formação.

Não somos desse parecer. Isso seria aspirar a uma pedagogia também formal, de palavras. A moral só pode ensinar-se *vivendo-a*. E' preciso criar o novo ambiente e depois as novas personalidades.

E' muito restrita a ambição da escola elementar do Sr. Dr. S. e Silva: «ler, escrever sem erros grosseiros, fazer as quatro operações e avaliar superfícies e capacidades». Diz que já se gasta com isso cem mil contos. Acha muito. A nós parece-nos pouco não só para os que são atingidos como para os 4.627.988 de analfabetos.

O problema das faltas, que lhe parece tão difícil de resolver, tem no entanto uma solução bastante fácil. Diz o catedrático: «E' sabido que a escola nem sempre é frequentada. O país paga ao professor, paga o aluguer da casa, e os alunos faltam. Em 1935, no distrito da Guarda, foram encerradas 20 escolas por falta de frequência. A escola existe mas as crianças não aparecem». Eis uma fuga para o idealismo pois acrescenta que isto é resultado de a psicologia do português não sentir essa necessidade. Mas a pág. 35, Serras e Silva vê muito melhor a questão: «os professores fogem instintivamente de promover a aplicação das multas aos pais que não mandam as crianças à escola, e têm razão. Não é só a brandura dos costumes que a isso os leva, é o conhecimento das penosas circunstâncias da vida rural, da pobreza dos pais, das distâncias com maus caminhos, da falta de agasalho no inverno (quantos professores são coagidos a gastar lenha para aquecer e enxugar estes alunos pobres!) e ainda o odioso que recairia sobre a escola, se ela fosse causa de se aumentar a miséria do pobre pela aplicação da multa».

E vamos então amar esta realidade assim? A resposta não podia ser outra: amamo-la, não para burilar mais duas frases que nada resolvam, mas trabalhando para a expansão total das futuras gerações.

CARLOS SERRA